

O PAÍS DO JEITINHO, DA PROPINA E

MAURICIO SANTOS
poeta e compositor

DO CRIME DO JEITINHO ACREDITE AINDA TEM JEITO

Não sou o ser mais perfeito
Também tenho meus defeitos
E quero aqui confessar
Até hoje não aprendi a votar
Mas estou só no começo
You acertar, tenho fé.
Também não sou um qualquer
Que se vende a qualquer preço
Até por um cafezinho
Ou mesmo por um milhão
Mensalão ou mensalinho
Quando escuto me aborreço
Saio falando sozinho
Digo cada palavra
Que até me desconheço
Mas quando ouço um dueto
De Vinícius com Toquinho
Me alegro e esclareço
Que o país do jeitinho
Da propina e do crime de colarinho
Acredite ainda tem jeito

Em acordão não me meto
Pra prejudicar meu país
Nem abafar corrupção

Nem trambique de juiz
Sou um cidadão feliz
Pois aprendi a rimar
Mas quando escuto falar
No crime de Santo André
O meu consolo é chorar
Minha vista fica escura
Igualmente a sepultura
Da Velhinha de Taubaté
Que apesar de ter fé
Sofreu até se acabar
De tristeza e amargura
Porém quando vejo Oscar
O mestre da arquitetura
Com cam anas trabalhando
Como fosse um rapazinho
Do meu canto eu me deleito
Pois o país do jeitinho
Da propina e do crime de colarinho
Acredite ainda tem jeito

Fazendo tudo bem feito
Se chega a qualquer lugar
Só não dá pra acreditar
Em quem vive de enganar

E dá uma de santinho
Rouba merenda escolar
Falsifica leite ninho
Vende barro por confeite
E ainda estufa o peito
Dizendo ser bom sujeito
Quando é mesmo é Calabar
Só me resta protestar
Pois essas coisas não aceito
Mas quando vejo jogar
Kaká, Ronaldo e Robinho
Dando os seus dribles perfeitos
Começo a acreditar
Que o país do jeitinho
Da propina e do crime de colarinho
Acredite ainda tem jeito

Eu não tenho preconceito
Quem sou eu para julgar
Mas não posso me calar
Quando vejo mil defeitos
Afinal sou um sujeito
Honesto e trabalhador
Em dia com meus direitos
Até votei pra prefeito
Deputado e presidente
Sempre votei consciente
Acreditei nessa gente
Bem vestida e sorridente
Dus prometia pra gente
Fazer uma varredura
E mandar pra cela escura
Corrupto e corruptor

Mas vejo que tal bravura
Era só antes do trabalho
Pra enganar eleitor
De alma ingênua e pura
Quando começa a pensar
Ó quanta raiva me dá
Chega dá uma dor no peito
Ó meu Deus quanta amargura
Por dentro sinto gastura
Vontade de vomitar
Mas se o rádio eu ligar
E escutar Dominguinhas
Tocando brasileiroinho
Volto a sorrir satisfeito
Pois o país do jeitinho
Da propina e do crime de colarinho
Acredite ainda tem jeito

Mas se pra tudo há conserto
Não posso me acomodar
Quem quiser me acompanhar
Não precisa de licença
Pode vim que eu aceito
Vamos lutar com decência
Com apoio da imprensa
Pra que tudo se esclareça
E a ordem prevaleça
Com muito amor e carinho
A minha parte eu tenho feito
Pois o país do jeitinho
Da propina e do crime de colarinho
Acredite ainda tem jeito.

XUKURU DO ORORUBÁ:

OS VELHOS NÃO MORREM, SE ENCANTAM...

EDSON SILVA

Professor de Cap CEUFFPE

No povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira/PE) desde muito tempo, antes do escritor Guimarães Rosa ter descoberto, os Xukuru acreditam: dois importantes idosos para a história desse povo partiram para o "reino dos Encantados". Um deles "Seu" Herculano, respeitado pela sua sabedoria, acompanhante do Cacique "Xicão", moradores da Aldeia Pedra D'Água, desde o início participou das mobilizações contemporâneas que garantiram a demarcação das terras desse povo. A outra importante referência "Seu" Cícero Pereira, foi o pai do Cacique Xicão, assassinado a mando de fazendeiros invasores do território indígena, e avô do atual Cacique Marcos. Possuidor de uma memória prodigiosa, "Seu" Cícero em várias conversas lembrava com muitos detalhes do passado Xukuru, dos tempos difíceis com as perseguições dos fazendeiros.

Nascido na Aldeia Cana Brava, ou "Cana Braba", como ainda hoje chamam os/as mais idosos/as e de onde provém a linhagem do cacicado Xukuru do Ororubá, "Seu Cíço" como era conhecido, filho de uma família numerosa, recordava que desde a infância, assim como muitas crianças da sua época, tinha que trabalhar duro na roça, no pequeno pedaço de terra que possuía, quando não nas terras das fazendas que ocupavam o território Xukuru.

"Seu Cíço" falava também das "juntadas", reunião daqueles moradores que possuíam pequenos lotes, para trabalharem em mutirões de ajuda mútua. Lembrava que quando garoto descuiu tantas vezes a Serra do Ororubá em um cavalo com os caçoados carregados de verduras, milho e produtos da roça que vendia na estação do trem em Pesqueira. Mas, como a vida não era só trabalho, recordava também e tão bem com alegria das novenas, das festas animadas ao som das zabumbas, onde além da diversão garantida, se acertava os noivados, futuros casamentos.

Ele teve um papel fundamental nas mobilizações contemporâneas dos Xukuru do Ororubá. Quando os Xukuru se organizam em meados de 1980, elegendo o Cacique Xicão, reconhecida e expressiva liderança desse povo com projeção ao nível do país, "Seu Cíço" foi eleito Vice-Cacique. Sua atuação sempre foi discreta, mas garantiu o apoio necessário, muitas vezes por ismo e material, para a atuação de Xicão e a organização indígena Xukuru. Por isso ele sempre foi visto como uma importante referência na luta desse povo.

Muito abalado e magoado desde o assassinato do Cacique Xicão, doente ele se viu forçado a deixar a aldeia e vir morar na cidade. Mas em sua casa a todos/as recebia com satisfação e sempre disposto a uma longa conversa sobre o passado, a memória Xukuru e por isso era uma grande referência. Vibrava com as conquistas do presente do seu povo e colocava muita esperança no futuro, falando com orgulho da liderança exercida pelo atual jovem Cacique Marcos, seu neto.

As partidas de "Seu" Herculano e de "Seu" Cícero nos questionam sobre o que pensamos a respeito das pessoas mais velhas. Como são vistos os/as mais velhos/as nas aldeias? Qual o lugar dos/as idosos/as entre os povos indígenas? Em um mundo onde oia velhosa, principalmente os/as pobres, em oposição ao novo, ao moderno são descartados, desprezados, vivem na imensa maioria em péssimas condições, a vida, a história, a experiência, o testemunho e a sabedoria de "Seu" Herculano, de "Seu" Cícero, de tantos idosos/as, além de nos questionar, nos lembra que somos sombras do passado e do qual esboçamos o futuro.

Talvez por isso os Xukuru do Ororubá afirmem que não enterram, mas "plantam" seus mortos, para que deles "nasçam novos guerreiros". E "Seu" Herculano e "Seu" Cícero foram plantados ali, no meio da mata sagrada da Aldeia Pedra D'Água, ao lado de onde também "está plantado" o Cacique Xicão, Xico Quelê e outros Xukuru. Eles se encantaram, "Vou para aldeia encantada", assim diz um toré Xukuru.